



**IPTAN – INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR “PRES.
TANCREDO DE ALMEIDA NEVES”**

**A TRADIÇÃO MUSICAL ENQUANTO DIFERENCIAL DO PRODUTO
TURÍSTICO DE SÃO JOÃO DEL REI.**

**SÃO JOÃO DEL-REI
2009**



IPTAN – INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR “PRES.
TANCREDO DE ALMEIDA NEVES”

ALINNE MARINA FONSECA NASCIMENTO

**A TRADIÇÃO MUSICAL ENQUANTO DIFERENCIAL DO PRODUTO
TURÍSTICO DE SÃO JOÃO DEL REI.**

SÃO JOÃO DEL-REI
2009

ALINNE MARINA FONSECA NASCIMENTO

**A TRADIÇÃO MUSICAL ENQUANTO DIFERENCIAL DO PRODUTO
TURÍSTICO DE SÃO JOÃO DEL REI.**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo do Instituto de Ensino Superior “Pres. Tancredo de Almeida Neves” – IPTAN – como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharelado, sob a orientação do Prof. Frederico Ferreira Oliveira.

SÃO JOÃO DEL-REI
2009

ALINNE MARINA FONSECA NASCIMENTO

**A TRADIÇÃO MUSICAL ENQUANTO DIFERENCIAL DO PRODUTO
TURÍSTICO DE SÃO JOÃO DEL REI.**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo do Instituto de Ensino Superior “Pres. Tancredo de Almeida Neves” – IPTAN – como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharelado.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Msc. Frederico Ferreira de Oliveira

Professora Luiza Teixeira Carvalho

Prof. Msc. Edilene Maria da Conceição

A Deus, agradeço por me fazer existir e me guiar em um belo caminho que está apenas começando. Além de ter me ensinado a conviver com o diferente e superar os meus limites, sendo mais humilde.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, muito obrigada pelo apoio e carinho, não somente neste momento e sim em toda a minha vida. Amo vocês!

Às minhas irmãs, Simonne e Viviane, quero que saibam do importante papel que ocupam na minha vida. Não foram apenas brigas, tiveram sorrisos, brincadeiras, choros e com certeza muita superação, no entanto nos mantivemos unidas e sempre estaremos.

Aos meus amigos, aos que abandonei por falta de tempo, peço desculpas. Aos que conquistei ao longo destes quatro anos, um abraço. Ao trio BQ e também Quarteto Fantástico, quero dizer amigas, confidentes e terapeutas também, porque estiveram presentes e auxiliaram no meu amadurecimento, que nossa amizade se perpetue e derrube as distâncias que com certeza virão.

Ao meu orientador e amigo, Fred, muito obrigada por confiar em meu potencial e, principalmente, por me fazer enxergar o quão capaz sou. Sei que muitos momentos foram tensos, de desespero, de muito choro e desabafo, porém tivemos momentos felizes que vão ficar na minha história. Espero que nossa amizade se eternize e nossa parceria colha ótimos frutos!

RESUMO

Nesta presente monografia, pretende-se enaltecer o patrimônio imaterial da musicalidade, a qual a cidade de São João del Rei é detentora ao longo da construção de sua história. A tradição musical vem sendo cultivada ao longo dos tempos, trazendo, então, a oportunidade aos novos cidadãos sanjoanenses de conhecer esta arte remanescente dos séculos XVII e XVIII. O foco deste trabalho buscará, de forma muito abrangente, a valorização da tradição musical e o seu enorme potencial como atrativo, tornando-a um diferencial dentro do produto turístico da referida cidade. Para melhor entender este diferencial competitivo que vem sendo exigido pelo mercado pós-moderno, será abordado o progresso da atividade turística, a partir do início do século XX até os dias atuais, e também o novo rumo que o Turismo está seguindo, ou seja, a supervalorização da experiência de consumo. Além disso, será demonstrado o desenvolvimento histórico de sua tradição musical paralela à sua respectiva evolução sócio-cultural. Em um último momento, haverá uma explanação do atual cenário musical, com o foco nas seguintes corporações musicais: a Orquestra Lira Sanjoanense, a Orquestra Ribeiro Bastos, a Sociedade de Concertos Sinfônicos e a Orquestra do Departamento de Música da Universidade Federal de São João del Rei. Estas entidades são fomentadoras da riquíssima tradição oral, que é simplesmente a arte do fazer musical presente neste ambiente acolhedor do interior de Minas Gerais. Para finalizar será descrito um breve projeto que poderá fazer desta tradição musical um diferencial para o produto turístico sanjoanense.

Palavras-chave: tradição musical; turismo; produto turístico; orquestras; valorização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 EVOLUÇÃO DO TURISMO.....	10
2 O DESENNOLAR DE UMA GRANDE TRAJETÓRIA: A MÚSICA NA CIDADE HISTÓRICA DE SÃO JOÃO DEL REI.....	21
3 A TRADIÇÃO MUSICAL EM SÃO JOÃO DEL REI: ABORDAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PRODUTO TURÍSTICO LOCAL	32
3.1 A MÚSICA EM SÃO JOÃO DEL REI: AS PRINCIPAIS ORQUESTRAS LOCAIS.....	34
3.2 O NOVO PRODUTO TURÍSTICO LOCAL: A MÚSICA PARA O TURISMO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

São João del Rei é uma cidade privilegiada localizada na região dos Campos das Vertentes, possuidora de um clima predominantemente ameno que propicia a manutenção de sua vegetação, além de ser abraçada pelas Serras do Lenheiro e São José. Está inserida no Circuito Trilha dos Inconfidentes, sendo que este faz parte do programa de Regionalização e interiorização do Turismo no Estado de Minas Gerais.

Esta cidade ajudou a tecer momentos importantes da história do Brasil, desde o período aurífero e a sua decadência, o fortalecimento do comércio, até as ocasiões do cenário político brasileiro, recebendo assim, certo destaque em todo o território nacional.

No entanto, hoje a cidade é mantenedora de um riquíssimo patrimônio material e imaterial remanescente do auge do período colonial mineiro. Por isso, que juntamente com as cidades circunvizinhas explora a atividade turística, mesmo que esta não seja a sua principal atividade econômica.

Nesta região se respira arte, arquitetura, teatro, além de se ouvir muitos causos e contos, não podendo esquecer a linguagem dos sinos e da música que é vivenciada nos doze meses do ano pelo cidadão sanjoanense.

O turismo vem se tornando uma atividade voltada para aquisição de novas experiências e não pelo consumismo desenfreado. Este novo consumidor-turista está à procura de novos produtos, ou seja, novas vivências.

Por isso, a tradição musical de São João del Rei foi escolhida como o tema desta monografia, visto que os fomentadores desta tradição não deixaram perder a essência do fazer musical ao longo dos tempos, podendo ser este o diferencial que o produto turístico desta cidade esteja necessitando, para se destacar dentre as demais cidades históricas mineiras, partindo da hipótese de que esta tradição se manteve e mantém suas atividades ininterruptas por mais de dois séculos.

Para melhor compreender o potencial turístico desta tradição, será descrito e analisado o desenvolvimento histórico da cidade paralelo à criação das Orquestras como instrumentos da tradicionalidade musical de São João del Rei,

além de discutir o novo rumo que a atividade turística esta tomando, ou melhor, o novo foco, sendo que será evidenciado o pós-turismo. Com a obtenção destes objetivos, será então abordado como o turismo local poderá aproveitar dessa atratividade para incrementar o turismo na cidade.

No primeiro capítulo, haverá uma discussão dos pensamentos de autores e estudiosos sobre o pós-turismo, mas para melhor compreensão deste momento, haverá uma abordagem do desenvolvimento da atividade turística a partir de 1900.

Já no capítulo seguinte, será apresentado como foi o desenvolvimento histórico-musical de São João del Rei e de suas principais entidades musicais, além de entender o seu papel fundamental na sociedade.

Para finalizar e entender este estudo, será abordado a realidade atual do cenário musical de São João del Rei e o papel desempenhado na sociedade pelas principais orquestras ainda em atividade. Além disso, será apresentado um breve projeto que utilizará dessa tradição musical para incrementar o produto turístico comercializado.

1 EVOLUÇÃO DO TURISMO

O turismo tem se tornado umas das principais atividades em desenvolvimento na atualidade, devido ao aumento participativo da população economicamente ativa inserida no setor de prestação de serviços. Este fato pode ser notado segundo as palavras de Trigo (1998, p. 12):

[...] Neste fim de século, os indicadores econômicos apontam que, nos países desenvolvidos e em grande parte dos países em desenvolvimento, a maior parte da população economicamente ativa está no setor terciário, e que a maior parte do produto interno bruto (PIB) desses países ou regiões provém do setor de serviços.

Com base nessa afirmação, pode-se dizer que a economia continuará se fortalecendo através das divisas geradas pela atividade turística, portanto torna-se imprescindível o aumento do fluxo de turistas. E para que este aconteça, é indispensável que os visitantes em potencial tenham um tempo livre, para gozar em seu momento de ócio de todas as atividades envolvidas com o Turismo.

Dentro deste pensamento, o conceito de ócio surge de acordo com Barreto (1999, p. 60) a partir do “*otium*”, que para os gregos era uma atividade exercida pela classe dominante, os cidadãos, atividade que implicava no pensar e refletir, para dirigir os rumos da sociedade.

Molina (2003, p. 22), traz uma visão inovadora para descrever a evolução do turismo, dividindo assim em três momentos: o pré-turismo, o turismo industrial e o pós-turismo, que possuem como elemento principal a utilização do tempo livre.

O Pré-turismo tem como seu principal marco, o *gran tour*, que eram longas viagens realizadas pelos filhos da alta sociedade européia, com o acompanhamento de seus tutores, nos séculos XVII e XVIII. Segundo Yasoshima e Oliveira (2002, p. 37), o *gran tour* surgiu na Idade Moderna, mais precisamente no período do Renascimento europeu.

Neste momento, foram estimuladas as viagens de cunho cultural, para angariar novos conhecimentos e novas experiências, devido ao conceito elisabetano (Elizabeth I, Inglaterra), que nos dizeres de Yasoshima e Oliveira (2002, p. 38), propunha desenvolver através da educação, uma nova linhagem de jovens profissionais, que teriam seu ciclo de aperfeiçoamento completo, após cumprir de

um a três anos de viagens exploratórias pela Europa com seus tutores. Estas viagens foram interrompidas no período da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas.

Nas primeiras décadas do século XVIII, nos dizeres de Barreto (1999, p. 60), o ócio, recebe algumas modificações, o que o torna um atributo de classe. Neste momento, existiam duas classes sociais: uma que trabalhava e a outra que não trabalhava. Os que trabalhavam poderiam desempenhar suas atividades em suas residências ou terrenos. Nas palavras de Barreto (1999, p. 61), as pessoas que não exerciam nenhuma ocupação, ou seja, a classe ociosa utilizava o seu tempo disponível em atividades improdutivas, porque achavam que o exercício de uma profissão era abominável, já que estes gostavam de ratificar sua posição social perante os demais.

Já na segunda metade do século XVIII, o ócio, como era pregado anteriormente, perdeu sua força devido ao crescimento do movimento da reforma protestante, que tinha o trabalho como uma virtude.

Após este momento de conflito de ideais sobre o ócio, a atividade turística teve o seu fortalecimento devido às novas formas para usufruir deste tempo livre e de ócio. Mas, nos dizeres de Rejowski *et al* (2002, p. 44) e Barreto (1995, p. 60), este crescimento do Turismo pode ser notado desde o período da Revolução Industrial, devido ao aumento do êxodo rural para os centros fabris, o surgimento de uma nova classe social (média), a ampliação do tempo livre e incentivo às viagens recreativas.

O turismo industrial, nos dizeres de Trigo (1993, p. 17), obteve o seu desenvolvimento a partir do século XIX, paralelamente com o crescimento do capitalismo até o estágio industrial, nos principais países europeus e norte-americanos. O fluxo turístico se fortaleceu por causa do revolucionário avanço tecnológico que acarretou na criação dos primeiros motores a vapor.

A definição de tempo livre difere-se na visão de alguns autores. No entendimento de Acerenza (1984, *apud* BARRETO, 1999, p. 31) “[...] tempo livre é aquele do qual o indivíduo dispõe, fora de suas necessidades inevitáveis e obrigações profissionais, familiares e sociais”. Já para Andrade (2001, p. 58), tempo livre pode ser entendido como uma “[...] ocasião circunstancial oportunizada e destinada ao livre arbítrio pessoal de quem dela pode utilizar”. E, conforme

Declaração dos Direitos Humanos (*apud* ANDRADE, 2001, p. 64), “[...] tempo livre é o período que se encontra à total disposição do indivíduo humano, depois que ele tenha concluído seu trabalho e cumprido com suas demais obrigações”.

Os equipamentos que foram aprimorados com os novos motores tiveram uma participação na I Guerra Mundial, a qual segundo Trigo (1993, p. 63) acarretou na paralisação dos movimentos turísticos, já que a vontade de conhecer novos lugares desapareceu, deixando a população acuada, por causa dos ataques, e restrita aos seus limites domiciliares.

Segundo Rejowski e Solha (2002, p. 77) e Beltrão (2001, p. 25), ao findar a I Guerra, nota-se um avanço na atividade turística devido à abertura das malhas rodoviárias e principalmente, pela fabricação em grande escala de automóveis e a criação dos ônibus coletivos. Com a união destes fatores, houve o aumento do fluxo de turistas dentro do próprio continente europeu e dos demais países já em desenvolvimento.

Portanto, para que houvesse um maior domínio sobre o fluxo de turista que estava adentrando suas fronteiras, o governo inglês adotou o uso do passaporte como uma medida de segurança e controle de sua capacidade de carga, segundo os dizeres de Beltrão (2001, p. 25).

A partir da maturação dessas premissas, surge a consciência da importância do turismo para o fortalecimento econômico, como se pode notar nos pensamentos de Rejowski e Solha (2002, p. 77), “as nações começaram a captar receitas oriundas do turismo e passaram a reconhecer sua importância econômica tanto nos países europeus quanto em países dos outros continentes”.

Porém, o crescimento da atividade turística foi interrompido, devido à queda da Bolsa de Valores de Nova York¹ que ocasionou na desvalorização monetária e a paralisação do movimento turístico.

Após todo este período de crise, o turismo obteve uma nova ascensão compreendida entre 1933 até o seu ápice em 1937. No entanto, mais uma vez o turismo teve o seu desenvolvimento paralisado devido a uma nova grande guerra mundial.

¹ O Crash da Bolsa de New York em 1929 aconteceu devido desvalorização das ações de grandes companhias americanas, que em sua maioria, tinham capital aberto, ou seja, as ações estavam nas mãos de muitos acionistas. Com a crise, estes acionistas colocaram todas as ações à venda, o que acarretou na queda dos preços, pois haviam mais ações à venda que compradores. Arruda e Piletti (2000, p. 355).

Mas, segundo Trigo (1998, p. 15), foi após o término da II Guerra Mundial que a classe trabalhadora conquistou alguns direitos como, por exemplo, a regulamentação do horário de trabalho (seis dias semanais e oito horas diárias), férias remuneradas, seguros sociais, além do acesso ao ensino fundamental público, que propiciou a consolidação do Turismo, já que estes dispunham de tempo livre para desfrutar das atividades de turismo e diversão.

Ao findar a II grande Guerra, segundo as palavras de Trigo (1993, p. 64), o Turismo fez a utilização civil da tecnologia e do arsenal motorizado que foram desenvolvidos para a batalha. Para assim servirem aos propósitos do turismo, os meios de transporte terrestres, marítimos e aéreos, passaram por adaptações para garantir o conforto e a comodidade de seus novos passageiros. Principalmente, os aviões e navios ganharam maior destaque, por proporcionar o deslocamento intercontinental.

Nos dizeres de Rejowski e Solha (2002, p. 81), a utilização dos meios locomotores remanescentes da guerra propiciou a criação das primeiras excursões, que foram organizadas pelos britânicos. Estas excursões tinham como destinos, os principais campos de batalha da França e em Flandres, que ficaram conhecidas como as rotas da guerra, segundo Ruiz e Armand (*apud* REJOWSKI e SOLHA, 2002, p. 81).

Nas palavras de Trigo (1993, p. 64) e Rejowski e Solha (2002, p. 91), estes destinos envolvidos na guerra, tiveram sua reconstrução e ampliação financiada por este novo fluxo de turistas e curiosos interessados em conhecer os cenários por onde se passaram os grandes massacres dos conflitos.

É neste recorte de tempo, compreendido entre o princípio do século XX até o início da II Guerra Mundial, que Molina (2003, p. 23) delimita a segunda fase do ciclo da evolução da atividade turística, nomeada como Turismo Industrial. Este período ainda é subdividido em: o turismo industrial primitivo, o turismo industrial maduro e o turismo industrial pós-industrial.

O Turismo Industrial, para Molina (2003, p. 24), pode ser entendido como a consolidação dos destinos turísticos como produtos. Os produtos turísticos podem ser entendidos, segundo Vaz (1999, p. 56), como “[...] um conjunto de benefícios que o consumidor busca em uma determinada localidade e que são

usufruídos tendo como suporte estrutural um complexo de serviços oferecido por diversas organizações”.

No entanto, muitos autores associam o fator “produto” diretamente à economia, mas no turismo este conceito vai mais além, como se pode notar nos pensamentos de Ignarra (2003, p. 21), que explica o fomento do produto turístico a partir de “[...] um conjunto de serviços que só existem em razão de um atrativo, daí a utilização de conceito de produto”.

Ignarra (2003, p. 21) ainda enumera os componentes do produto turísticos como: “[...] a somatória do atrativo turístico + serviços turísticos (ou facilidades) + infra-estrutura básica + o conjunto de serviços urbanos de apoio ao turismo, [...]”.

Todavia, Balanzá (2000, p. 68), expõe em uma visão geral, o conceito de produto turístico como sendo:

[...] a combinação de bens e serviços, de recursos e infra-estrutura, ordenados de forma que ofereçam vantagens ao cliente, que consigam satisfazer suas motivações e expectativas, e que estejam disponíveis para serem consumidos pelos turistas.

Contudo, Andrade (2002, p. 100, *apud* CARDOSO, 2006, p. 148), contextualiza mais detalhadamente o produto turístico, como se pode notar a seguir que:

[...] o produto turístico seria composto de atividades e serviços relacionados a empreendimentos de: hospedagem [...], aos bens de alimentação [...], aos transportes [...], aos produtos típicos locais [...], além de visitas a locais diversos e utilização de equipamentos de lazer e divertimento, tanto naturais como artificiais.

No entanto, Boullón (1990, p. 164, *apud* CARDOSO, 2002, p. 148), explica que o produto turístico “[...] é um termo que se usa para qualificar a classe de serviços que forma a oferta turística”. Boullón (1990, p. 164, *apud* CARDOSO, 2002, p. 148) subdivide o produto turístico em dois componentes importantes:

- 1 - componente primário: é aquele que está integrado pelos atrativos turísticos (os quais vêm a ser algo como a matéria-prima do turismo) e pelas atividades turísticas.
- 2 - componente derivado: refere-se aos serviços de alojamento, alimentação e transporte, e mais outros complementares, como: informação de câmbio de moedas etc.

Já Middleton (2002, p. 132) observa que para o turista, o produto turístico é toda a experiência a ser adquirida, desde suas residências até a cidade

destino. Portanto, segundo os dizeres de Middleton (2002, p. 132), “[...] o produto turístico deve ser considerado como um amálgama de três componentes principais de atrações, instalações e acessibilidade no destino”.

Pode-se concluir que o produto turístico é um conjunto de atrações e serviços a serem adquiridos em um só pacote, podendo ainda ser dividido, segundo Beni (2001, p. 159), em infra-estrutura (saneamento básico, saúde, segurança) e superestrutura (hotéis, bares e restaurantes, entretenimento). A infra-estrutura é de responsabilidade do poder público e a superestrutura sob a responsabilidade do poder privado.

Como base nessa explicação, encontra-se ainda uma característica peculiar deste produto, ou seja, a intangibilidade. Nos dizeres de Middleton (2002, p. 45), intangibilidade é uma característica importante dos produtos de serviços, pois, em sua maioria, os serviços não podem ser medidos, tocados ou avaliados no posto de venda quando é adquirido.

Portanto, a caracterização do produto turístico não é dissociável, ou seja, além de não poder ser tocado no ato da compra, não há com desmembrar a sua composição ou a sua organização, visto que o mesmo será produzido e consumido concomitantemente.

Esta conotação de produto, no turismo, se enquadra na aquisição de serviço, que segundo os dizeres de Middleton (2002, p. 43): “[...] os serviços são produtos comprados através de uma transação de troca que não confere propriedade, mas permite acesso e uso de um serviço, geralmente em um período de tempo específico em um local determinado”.

Assim o produto turístico deve ser organizado a partir da realidade local respeitando e levando em consideração a cultura da localidade e suas experiências e pautado nas motivações e nos interesses dos turistas e visitantes, servindo como um instrumento para o fortalecimento da identidade.

Segundo Molina (2001, p. 23), o turismo industrial primitivo se destaca com a criação dos primeiros hotéis urbanos, criação das primeiras viagens e a operacionalização dos primeiros pacotes turísticos, para melhor receber os visitantes.

Beltrão (2001, p. 26), também compartilha destes pensamentos promissores de Molina, que aproximadamente no mesmo período, descreve criação

de escolas especializadas neste novo ramo do mercado em alguns países da Europa, devido à preocupação com a qualidade dos serviços prestados.

Todavia, Molina (2003, p. 24), expõe que foi devido ao crescimento da indústria turística, que os profissionais envolvidos e as entidades governamentais procuraram se especializar e profissionalizar, para que os destinos pudessem ser formatados e comercializados como um só produto.

É nesta ocasião, que Molina (2001, p. 24) caracteriza como turismo industrial maduro a consolidação do produto “sol e praia”, após os anos 50. Nota-se neste período a formação e padronização dos pacotes turísticos, pois estes se tornaram alvo das classes menos favorecidas, devido às facilidades conseguidas para o seu pagamento e por terem todos os itens inclusos. Por isso, se tornou mais acessível e massificado.

Também pode ser destacada, nas palavras de Beltrão (2001, p. 26), a comercialização dos primeiros pacotes aéreos, que trouxe uma acessibilidade a viagens internacionais às populações de classe média, já que suas tarifas eram mais baratas e as viagens rápidas que os luxuosos navios.

Segundo Rejowski e Solha (2002, p. 90), esta massificação do produto turístico foi propiciada por fatores políticos, econômicos, educacionais, culturais, sociológicos, trabalhistas entre outros. Pois foi através da requisição dos direitos pertinentes às classes trabalhadoras como: redução de jornada de trabalho e férias remuneradas, aumento do poder aquisitivo de varias classes da sociedade, a evolução da tecnologia e principalmente pelo desejo de evasão, que o turismo se solidificou no pós-guerra.

Neste momento, o Turismo se torna uma atividade que movimenta o capital econômico, incentiva à valorização da cultura e da educação, que deixa de ser um integrante do setor terciário e se transforma em uma indústria entre os principais geradores de renda no mundo. Como podemos notar nos dizeres de Trigo (1993, p. 62):

[...] Neste final de século, não se pode menosprezar a importância do fenômeno turístico e sua influência econômica, política e cultural. Em vários países, o turismo deixou de ser uma atividade periférica para se tornar agente de destaque na vida cotidiana.

A valorização da atividade turística como um incremento para economia foi demonstrada nas passagens supracitadas. Mas como não foi uma

atividade planejada, alguns destinos tiveram seu ciclo de vida curto², trazendo assim uma estagnação para o turismo.

Uma forma de minimizar estes impactos da massificação e o declínio das destinações turísticas foi identificada por Molina (2001, p. 26) no terceiro momento do turismo industrial como o turismo pós-industrial, que é caracterizado pela personificação e diferenciação dos produtos e serviços. Neste período, nasce o conceito de sustentabilidade do Turismo³ e ocorre também à agregação de novos valores como a hospitalidade para driblar os efeitos da sazonalidade, além de receber o devido destaque entre as demais destinações.

O desejo de evasão, que segundo Beltrão (2001, p. 27), é o elemento que motiva o ser humano a se deslocar para conhecer novos destinos, faz dos países de “terceiro mundo” ou subdesenvolvidos, alvo destes novos turistas, que querem conhecer novas vegetações, relevos e climas ou até mesmo paisagens afrodisíacas como, por exemplo, as praias do litoral brasileiro.

Este conceito se encontra exaltado nos pensamentos de Armand Mattelart (*apud* TRIGO, 1993, p. 67):

[...] a indústria do turismo, tal como se estruturam as grandes empresas multinacionais no Terceiro Mundo, é um índice de como a metrópole pode invadir as sociedades “pré-terciárias” com o pretexto de nelas encontrar um “paraíso perdido”.

Essa procura por países caracterizados como “paraíso perdido”, trouxe o desenvolvimento de um novo conceito de turista, ou melhor, de turismo. O pós-turismo, que nos dizeres de Molina (2003, p. 27), se desenvolveu a partir dos conceitos do turismo industrial da década de 90. O pós-turismo utiliza-se de novas tecnologias em busca do aprimoramento da atividade turística, além de propiciar novas vivências aos públicos consumidores.

² Ruschmann (1997, p. 103) explica o conceito do ciclo de vida das destinações turísticas, a partir das premissas do seu descobrimento até o seu declínio, que são divididas em seis fases: investimento, exploração, desenvolvimento, consolidação, estagnação, rejuvenescimento ou declínio. No entanto, para Barreto (1995, p. 35), o ciclo vital das destinações é dividido em cinco etapas: ausência de turismo, o nascimento, o crescimento, a saturação e a decadência.

³ Rejowski e Solha (2002, p. 100), A sustentabilidade na atividade turística visa o usufruto consciente e responsável das destinações, para que num futuro próximo, outras pessoas também possam desfrutar deste mesmo destino ou atração. Porém, (FNNP, 1993, *apud* DIAS 2003, p. 59), o turismo sustentável é considerado como “todas as formas de desenvolvimento turístico, gestão e atividade que mantêm a integridade ambiental, social e econômica e o bem-estar dos recursos naturais, construídos e culturais para a perpetuidade”.

Esta fase onde é almejado o conhecimento de novas tecnologias, experiências únicas e, principalmente, a vivência; para Molina (2003, p. 13) é conhecido como pós-turismo:

[...] Uma alternativa, uma opção para as sociedades que buscam novos sentidos e soluções para seus desafios, uma vez que procuram implementar os recursos provenientes do conhecimento e da tecnologia que produzem, acumulam e adotam.

Contudo, perante a visão revolucionária de Molina (2003, p. 52), o pós-turismo traz uma ruptura dos conceitos constituídos no período do Turismo Industrial e Pós-industrial, ou melhor, o pós-turismo é a desregulamentação de toda base teórica da atividade turística.

Conceitos como: a necessidade de deslocamento, estadia com pernoite, movimentação de capital econômico na cidade receptora, conhecer novas paisagens e novas pessoas, adquirir novas culturas, não tem mais valor no Pós-Turismo.

Molina (2003, p. 53), expõe os novos valores que serão aplicados na atividade pós-turística como, por exemplo:

[...] deslocamento desnecessário do local de residência, nenhum contato com indivíduos das comunidades locais, contato com cenários naturais readaptados pela aplicação de tecnologias, deslocamento de mão-de-obra causado pela incorporação de processos automatizados de alta tecnologia e o pós-turismo não está determinado pelos recursos naturais nem pelos recursos culturais disponíveis na região.

O pós-turismo, segundo os dizeres de Molina (2003, p. 55), não se utiliza de recursos pré-existentes para a formatação de produtos turísticos. Mas futuramente, as empresas pós-turísticas poderão conciliar a utilização da mão-de-obra local e suas vivências, para integrarem e fortalecerem seus produtos.

Entretanto, a criação de produtos pós-turísticos está exigindo das empresas atuantes no mercado uma releitura, uma nova roupagem, além de novos investimentos em tecnologia, para assim se manterem emergentes. Pode-se notar nos dizeres de Molina (2003, p. 63), que as empresas pós-turísticas adquiriram uma habilidade extraordinária de antever as oportunidades mercadológicas com produtos inovadores, devido a sua surpreendente capacidade de atualização e leitura de informações baseadas no perfil dos consumidores.

Essa habilidade detectada nas empresas pós-turísticas, segundo as palavras de Molina (2003, p. 74), é considerada como uma tecnologia, ou melhor, uma aptidão humana contraída através de inúmeras capacitações, que disseminam na propagação do raciocínio lógico e eficaz, perante ocasiões que necessitam de reações ligeiras, como tomada de decisão, pensamento audacioso e plano estratégico.

A valorização da opinião do cliente/turista para a elaboração de novos produtos é demonstrada pelas empresas pós-turísticas, pois estas não estão visando apenas à prestação de um serviço, mas sim estão preocupadas em proporcionar uma experiência de consumo, como é notado nos dizeres de Molina (2003, p. 65), que trata de revoluções:

[...] para as empresas pós-turísticas a revolução do serviço ficou para trás; agora trata-se da revolução da experiência, para responder aos gostos e preferências dos clientes que concebem o consumo como uma experiência, ou seja, como algo muito mais complexo do que um simples intercâmbio comercial.

De acordo com a obra *The experience economy* citada por Molina (2003, p. 65), nota-se que o progresso econômico trouxe à exaltação da experiência como um componente para os produtos/ serviços, pois “[...] agora os bens são a utilidade, os serviços são o cenário e as experiências são as vivências memoráveis que ficam para sempre nos visitantes ou turistas”.

Perante essa afirmação de Molina, fica claro a nova postura que os empreendedores pós-turísticos deverão observar durante a fomentação de seus produtos, pois os consumidores pós-turísticos estão buscando novas vivências que perpetue em suas lembranças, ou até mesmo, os façam adquirir o mesmo produto ou experiências diversificadas.

Segundo os dizeres de Molina (2003, p. 68), para que as empresas pós-turísticas possam conceber experiências autênticas, é necessário ter acesso a variados tipos de recursos como, por exemplo, capacidade criativa, capital disponível, inovações tecnológicas e principalmente parcerias que enriqueçam as vivências a serem adquiridas.

Middleton (2002, p. 388) completa os pensamentos de Molina, quando diz que a experiência dos visitantes começa antes do consumo do produto em si, através do estímulo de promoções atrativas, através de materiais impressos e/ou

propagandas eletrônicas, ou até mesmo com as recomendações de amigos, aguçando ainda mais as suas motivações e expectativas.

Para proporcionarem novas experiências, Molina (2003, p. 72) destaca que os empresários pós-turísticos estão se valendo da tecnologia de ponta, para criar artificialmente espaços que o imaginário dos consumidores deseja apreciar como os parques temáticos, praias caribenhas em pleno inverno, verdadeiras redomas.

Um exemplo característico de um empreendimento pós-turístico, citado por Molina (2003, p. 73), foi à execução do mega projeto *Phoenix World City*, um complexo flutuante caracterizado com arquitetura européia, com uma infra-estrutura composta por hotéis, restaurantes, bares e uma capacidade de carga de até 5.600 pessoas, além disso, o empreendimento dispõe de uma universidade para seus funcionários se aperfeiçoarem e para os seus visitantes que queiram desfrutar de algum dos cursos disponíveis.

Assim, fica evidente a nova tendência que o Pós-turismo está criando através de novas tecnologias e principalmente pela valorização da opinião dos consumidores/turistas. Isso propiciou a criação dos novos produtos turísticos voltados para as experiências que enriquecerão as vivências de seus clientes.

Este capítulo buscou entender e discutir de uma forma clara e sucinta as etapas de desenvolvimento do turismo, que teve o seu recorte de tempo no século XX. O desenvolvimento do turismo foi interrompido por duas grandes guerras mundiais, mas também teve a sua evolução a partir da mesma.

Os autores estudados trouxeram novas concepções que dividem o histórico da atividade turística em etapas, sendo estas: o pré-turismo, o turismo industrial e o pós-turismo. Mas obtivemos um aprofundamento no estudo da nova percepção do Turismo, ou seja, o Pós-Turismo, que traz a desregulamentação dos conceitos existentes e ao mesmo tempo, a valorização da experiência de consumo.

As vivências adquiridas a partir do consumo destes produtos pós-turísticos poderá trazer uma oportunidade de incremento para a atividade turística na cidade de São João del Rei, através da riqueza imaterial que compreende a tradicionalidade musical, como será abordado nos próximos capítulos.

2 O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE TRAJETÓRIA: A MÚSICA NA CIDADE HISTÓRICA DE SÃO JOÃO DEL REI

A tradicional cidade de São João del Rei obteve uma importante participação na construção da história do país, por causa da riqueza aqui explorada, consequentemente, se tornou um dos principais pilares da economia colonial.

Deste rico período colonial, há, ainda, resquícios presentes no cotidiano dos cidadãos sanjoanenses, que são: o patrimônio material com seus casarios e igrejas imponentes, patrimônio imaterial que tem intrínsecos a religiosidade, lendas e contos, a linguagem dos sinos e a tradição musical. Este capítulo tem como objetivo a contextualização da história musical da cidade de São João del Rei através da visão de diferentes autores e pesquisadores.

O histórico da tradição musical de São João del Rei está atrelado ao desenvolvimento histórico da cidade, que é denominada por Gaio Sobrinho (2000, p. 36), pela alcunha de “terra da música”, por ter até os dias atuais, duas corporações musicais bicentenárias ainda em atividade, que são: a Orquestra Lira Sanjoanense e a Orquestra Ribeiro Bastos.

Pode-se notar a acuidade deste pensamento nos dizeres de Krauss (2007, p. 32), que o desenvolvimento destas duas corporações é de suma importância para a cidade de São João del Rei, por tecer a história musical “[...] paralela à história política e sociocultural da cidade”.

Essa tradição musical de São João del Rei e região, segundo os pensamentos de Silva *et al* (2007, p. 10-11), até então não existia, mas foi inventada e consegue estar ininterrupta até os dias atuais através da manutenção a ela empregada, como se pode notar na seguinte passagem:

Baseando-nos na idéia de “tradição inventada” de Hobsbawm, podemos considerar que a atividade musical, em São João del Rei e região, é uma tradição que foi se moldando no decorrer dos anos a partir de regras compartilhadas pelos músicos e pelo público, iniciada a partir das exigências das irmandades, o que implica em atribuir grande relevância à religiosidade na história da música em São João del Rei e região.

São João del Rei, segundo as palavras do sargento-mor José Matol ⁴ (*apud* GUIMARÃES, 2006, p. 19), tem a sua fundação em 1704, quando o guardamor Antônio Garcia da Cunha, genro de Tomé Portes del Rei, fez a divisão das terras minerais que se localizavam ao redor do então chamado ribeiro de São Francisco Xavier, que corria atrás dos morros que hoje sustentam a imagem do Cristo Redentor.

Segundo Matol (*apud* GUIMARÃES, 2006, p. 19), o arraial foi formado ao redor das minas de extração aurífera por aventureiros, taubetanos e posteriormente por escravos advindos de Salvador. Além das construções precárias que estes residiam, o pequeno arraial ainda contava com uma capela dedicada a Nossa Senhora do Pilar, pela qual se pode notar a forte presença do catolicismo imposto pela colonização portuguesa.

Mais tardar, o arraial recebe o nome de Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, que nos dizeres de Matol (*apud* GUIMARÃES, 2006, p. 20), foi por causa do já conhecido Arraial Velho de Santo Antônio.

Matol ainda relata que em 1714, o Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar foi elevado à categoria de Vila, recebendo, assim, o nome de São João del Rei, além da provisão de sede da Comarca.

Porém, Guimarães (2006, p. 47) apresenta o auto de levantamento da Vila de São João del Rei, que segundo o documento, foi concedido em 08 de Dezembro de 1713 por Dom Braz Balthazar da Silveira, Capitão General da cidade de São Paulo e Minas.

Todavia, na obra aludida a Vasconcellos⁵, citada por Guimarães (2006, p. 23), São João del Rei foi fundada em 1684, mas suas minas seriam descobertas

⁴ O português José de Matol veio para São João del Rei quando o governador Lencastre criou o corpo de tropas auxiliares no Arraial Novo do Rio das Mortes em 1709. Matol iniciou sua carreira como capitão, depois veio a participar do Capão da Traição quando foi promovido a sargento-mor. Também ocupou cargo o de juiz-ordinário do Senado da Câmara em quatro mandatos: 1717, 1721, 1729 e 1733. Conseguiu em 1724, a sesmaria de terras "da outra parte do Canindaí, certamente Rio Carandá" (Revista do IHG, 1988, v. 2, p. 25). Recebeu grande destaque por ter registrado os principais fatos históricos acontecidos nos Arraiais de São José e do Pilar, com grande facilidade já que este participou de muitos destes acontecimentos e também por ter sido testemunha ocular deste fatos. O bairro do Matola, em São João del Rei, recebeu este nome em sua homenagem. (WIKIPÉDIA, 2009),

⁵ Diogo Luís de Almeida Pereira de Vasconcellos nasceu em Mariana (1843-1927). Estudou no Seminário de Mariana, no Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro e na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo. Foi escritor, historiador, integrante da Academia Mineira de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de Minas Gerais. Na carreira política,

apenas no início de 1700. Nesta obra há relatos de povoamento desde 1701, devido às taxas cobradas pela travessia do Porto Real da Passagem⁶.

No entanto, a exploração aurífera fez com que o arraial tivesse um crescimento populacional muito rápido, além da grande miscigenação que foi muito importante para a construção da identidade cultural, como é demonstrado nas palavras de Gaio Sobrinho (2000, p. 36), “[...] muitos brancos usavam as negras para satisfação de seus instintos sexuais”. Estes abusos sexuais resultaram no nascimento de muitos mestiços e mulatos, que mais tarde se tornaram profissionais liberais aptos em desempenhar atividades como músicos, artesãos e escultores.

Um exemplo da atuação destes profissionais liberais é datado em 1717, com a contratação do grupo musical organizado pelo Mestre Antônio do Carmo, pelo Senado da Câmara⁷, para recepcionar o governador, o Conde de Assumar. Eram considerados profissionais liberais porque recebiam pagamentos pelo serviço prestado. Esta passagem está registrada no manuscrito de Samuel Soares de Almeida (*apud* NEVES, 1984, p. 06).

Guimarães (1996, p. 81), também faz alusão a esta passagem, como se pode notar:

A mais remota notícia que se tem sobre a música em São João del Rei é de 1717, quando um grupo de músicos recepcionou, no posteriormente conhecido como Alto do Bonfim, o governador da Capitania das Minas Gerais, D. Pedro de Almeida Portugal.

Segundo Neves (1984, p. 06), todas as festividades importantes realizadas na Vila de São João del Rei ficaram sob a responsabilidade de Antônio do Carmo⁸. Sendo estas religiosas, acertadas pelas irmandades e baseadas no

assumiu cargos como deputado-geral no II Império, já na República foi agente executivo e presidente da câmara de vereadores de Ouro Preto. (WIKIPÉDIA, 2009)

⁶ A partir dos dizeres de Neves (1984, p. 04), o local chamado Porto Real da Passagem fez parte das terras que Tomé Portes Del-Rei se apoderou quando se instalou na região sanjoanense. Com a descoberta do ouro nos morros vizinhos as suas terras, Tomé Portes ganha o direito de cobrar taxas pela travessia do Rio das Mortes, que primeiramente era feita por barcos e depois por uma ponte de madeira. O mesmo recebeu do governo português o título de Guarda-mor.

⁷ Segundo os dizeres de Teixeira (2003, p. 55), o Senado da Câmara, juntamente com a sua casa de câmara e o pelourinho compunha o governo local das vilas. Este órgão tinha sua representatividade político-administrativa e era composto pela elite colonial, o que dava a este pequeno logradouro certa autonomia na esfera municipal. O Senado da Câmara se manteve no exercício político e administrativo até o período de 1938.

⁸ Nos dizeres de Neves (1984, p. 04), Antônio do Carmo foi um mestre de música que atuava na região de São João del Rei. Ficou responsável pela parte musical dos principais acontecimentos social.

calendário litúrgico, e/ou profanas contratadas pelo Senado da Câmara para abrilhantar suas comemorações públicas.

Guimarães (1996, p. 83), enfatiza que as autoridades eram obrigadas a participar de todas as festividades que o Senado promovia, caso não comparecesse, estas personalidades eram punidas severamente.

Devido a estas contratações, a aceitação para a utilização de instrumentos e músicos nos ritos religiosos fica evidente, até os dias atuais, com a perpetuação das orquestras bicentenárias, em São João del Rei. Contudo, também ocorreu a proliferação das manifestações profanas, que eram consideradas o divertimento da população naquele período. Pode-se observar este texto nos pensamentos de Castagna (1999, p. 06):

A prática de ornar altares para festejar imagens cristãs com música e instrumentos, que havia se expandido como nunca antes se observara, frequentemente dava lugar à “*bailes, batuques, saraus, divertimentos*”, nos quais participavam homens e mulheres, entre eles, negros e mulatos.

Na sociedade sanjonense, o seguinte relato deixa bem claro a dualidade entre o sagrado e o profano e a distinção de classes, além de instigar a Igreja sobre a perda de domínio para com seus devotos, como descreve o Jornal “O Arauto de Minas” (*apud* AQUINO e NEVES, 2007, p. 171 e 172), sobre a festividade no bairro de Matosinhos:

... É noite.

O pitoresco largo illuminado caprichosa e fantasticamente se enche da multidão, que, ao som de escolhidas peças musicas executadas no coreto erguido junto a Igreja, assiste ao fogo de artifício queimado em honra do Divino Espírito Santo.

[...] Terminado o fogo, lá se promove uma partida familiar, em que as mimosas cinturinhas das bellas em rapidos volteios de uma walsa ou polka, deixão ver quanto são elegantes corpinhos, que sobre ellas assentam.

Além, n'aquella casinha se reune uma sucia folgasan, que ao som de requebrada viola, e cadente sapateado, mostra que nunca são esquecidas as danças nacionaes nos folguedos do povo. E assim passa-se o restante da noite até que o sol nascente, espancando as trevas, chama a todos à realidade da vida, e cada qual a seus affaseres [...].

[...] Além dos actos religiosos as festas profanas tem de attrahir um sem numero de romeiros e devotos que da redondesa e de longe correrão ao visinho arraial [...].

Além de cavalhadas, para cujo torneio vem distinctos fazendeiros do Rio Novo, com soberbos corceis, teremos danças à phantasia e

espetáculos pela companhia do afamado artista brasileiro Manoel Pery.

Por isso, tornou-se evidente que o domínio até então mantido pela Igreja perde sua virilidade, devido ao crescimento exacerbado dos centros urbanos e a miscigenação étnica, a qual fez com que houvesse uma mutação das manifestações culturais.

Mas, segundo os dizeres de Castagna (1999, p. 05), os métodos que a Igreja se muniu para reprimir estas manifestações culturais e a música profana, vieram através de mecanismos legais e punitivos, como podemos notar no relato da visita do Bispo do Rio de Janeiro a São João del Rei:

O primeiro documento importante referente à música profana foi à *visita* a São João del Rei pelo Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio de Guadalupe, em 03/11/1727, na qual foram proibidos os “*bailes e serenatas em que entrarem pessoas de diversos sexos*”, sob a pena de excomunhão. E, é interessante lembrar, ao se proibir determinada prática, essa proibição é um sinal de que esta já ocorria em proporção suficiente para colocar em perigo a ordem estabelecida.

Porém, em São João del Rei, estas proibições não foram tão rigorosas, exceto quando havia uma importante figura, principalmente religiosa, de passagem por esta região, pois os músicos eram contratados pelo importante órgão, o Senado da Câmara.

Lange (1979, p. 38, *apud* CASTAGNA, 2004, p. 04), explica como o Senado fazia suas contratações musicais anuais para as festividades já fixadas no calendário da época:

[...] Nos primeiros tempos, o Senado chamava um regente competente, do qual sabia-se que contava com bons intérpretes, para lhe confiar à execução da música que a sua corporação devia oferecer nas festas de datas fixas, como as de Santa Isabel, Nossa Senhora da Conceição, Corpo de Deus e outras. E da mesma forma procedia com respeito às festas eventuais: a chegada de um Governador, a ascensão do Rei ao trono, os acontecimentos imprevistos, como doenças da família real, o seu restabelecimento, e as previstas, como as bodas de Príncipes, o nascimento do príncipe da Beira, além de outras, como a morte do soberano, que trazia para os músicos um período de rendimentos magros, pela paralisação, durante meses, de festejos, devido ao luto oficial. De 1760 em diante, instaurou-se o sistema das arrematações, ou leilões públicos que eram realizados nos últimos dias do mês de dezembro, para desta forma garantirem-se os serviços de música para o ano vindouro, especificando-se as condições nos respectivos termos,

com a apresentação de um rol de músicos, dos registros vocais destes e a menção dos instrumentos a serem empregados.

Nos dizeres de Guimarães (1996, p. 83), a vida musical sanjoanense sempre teve uma movimentação intensa, a qual fez com que surgissem muitos grupos musicais como a corporação musical que deu origem conhecida Orquestra Lira Sanjoanense fundada em 1776. Mais tardar surgiu outra entidade musical, que hoje é conhecida como a Orquestra Ribeiro Bastos, com data hipotética de sua fundação.

A Orquestra Ribeiro Bastos recebeu este nome em homenagem a um personagem importante, o qual também foi integrante e maestro, segundo Nascimento (2008, p. 09), chamado Martiniano Ribeiro Bastos, que teve uma grande representatividade na cidade, pois ocupou cargos públicos como Juiz de Paz, Vereador e Presidente da Câmara Municipal. E ainda auxiliou no fomento e estruturação da orquestra, aumentando o quadro de músicos através de seu trabalho pedagógico, melhorou seu nível de desempenho técnico.

Com isso, fica evidente a responsabilidade dos mestres e das próprias orquestras como formadores destes músicos, até 1953 quando foi criado o Conservatório Mineiro de Música de São João del-Rei, que depois recebeu o nome de Conservatório Estadual Padre José Maria Xavier. Esta escola, segundo os dizeres de Nascimento (2008, p. 05), “[...] ao longo do tempo, substituiu o ensino musical das orquestras, por oferecer cursos básicos de vários instrumentos populares e eruditos, certificando seus alunos com o diploma do Ensino Fundamental e Curso Técnico”.

Segundo Neves (1984, p. 07), para não ir contra os preceitos da Igreja, estes mestres que eram contratados pelas irmandades tinham a missão de compor e executar obras inéditas com textos litúrgicos e em latim para todas as festas, como se pode observar a variedade de peças musicais nos arquivos das corporações ainda existentes.

Contudo, Castagna (2004, p. 03) admite que esta variedade de peças musicais que se encontram arquivadas junto ao acervo das orquestras sanjoanenses, só se encontram completas devido ao importante costume dos mestres em manter consigo todas as partituras, pois se cada músico ficasse com as suas, estes arquivos seriam inexistentes.

Todavia, Castagna (1999, p. 15), ainda ressalta que estas obras tinham que passar pela vistoria do mestre de capela, quando este as aprovava, emitia e assinava uma licença para a execução das mesmas.

Segundo as pesquisas realizadas por Aquino (1996, p. 07), ao se recorrer à leitura dos informativos jornalísticos de São João del Rei, no período que compreende o final do século XIX, pode-se ter “[...] uma visão de como era intensa a vida cultural da cidade, pois, constantemente, nos deparamos com anúncios e comentários de concertos, espetáculos teatrais e festividades cívicas e religiosas”.

Essa intensificação da vida musical na cidade de São João del Rei e região também pode ser notada no pensamentos de Silva *et al* (2007, p. 05):

Na segunda metade do século XIX, a atividade musical de São João del-Rei intensificou-se, a cidade ficou conhecida como “cidade da música” e os músicos são-joanenses passaram a ser convidados a tocarem em outras cidades e a ensinarem à arte musical nas mesmas. Foi nessa época que surgiram a Orquestra Ramalho⁹, de Tiradentes, e a Orquestra Lira Ceciliana¹⁰, de Prados.

Já no que se refere às atividades culturais e a associação à música profana ao repertório dos grupos musicais em São João del Rei, Neves (1984, p. 07) destaca a participação dos músicos em peças teatrais patrocinadas pelo Senado da Câmara. O documento mais antigo que traz uma referência à atuação operística na cidade é do empresário Souza Lisboa, datado em 05 de Março de 1775.

A Orquestra Ribeiro Bastos, em um primeiro instante, segundo os dizeres de Aquino (1996, p 12), se dedicou ao repertório sacro. Mas a partir de meados do século XIX, o grupo dedicou-se ao repertório profano, participando de maneira importante em espetáculos teatrais e apresentando música de concerto, ora contratado pelas irmandades, ora pelo Senado.

A vida musical no século XIX, segundo Aquino (1996, p. 15), se manteve muito intensa, por isso surgiram muitos grupos que se dedicaram ao repertório profano para concertos, como a Sociedade Philarmônica S. Joannense, o

⁹ Santos (2009) contextualiza a Orquestra e Banda Ramalho (SOBR) como uma associação sem fins lucrativos, filantrópica, de Utilidade Pública (Lei nº 414), fundada em 1860 (data oficial), na então cidade de São José d'EL Rei, hoje Tiradentes - MG. Tem por finalidade a preservação, difusão e execução da música em geral e principalmente a música sacra.

¹⁰ Campos (2009) faz um pequeno relato sobre a orquestra Lira Ceciliana, de Prados, que foi fundada em 1858 por José Esteves da Costa, seu diretor até 1895. Desde então participam hoje três gerações da família Costa, e é dirigida pelo maestro Adhemar Campos Filho.

Club Ribeiro Bastos, o Club Philarmônica S. Joannense e Club S. Joannense.

Neves (1984, p. 15), expõe que também foram criadas as bandas de música que se apresentavam em coretos, praças públicas, quando estas executavam músicas profanas e acompanhando as procissões tocando um repertório sacro. São elas: a Banda Ribeiro Bastos, que depois da morte do seu Maestro de dividiu e deu a hoje conhecida Banda Theodoro de Faria, posteriormente, a Banda do Regimento Tiradentes.

Este pensamento de Neves, também pode ser encontrado em Silva *et al* (2007), que registra na seguinte passagem a criação das primeiras bandas de música na cidade e região:

Foi também na segunda metade do século XIX que surgiram, a partir das orquestras já instituídas, as bandas na região dos Campos das Vertentes. Então, “o novo se instala e os oitocentos pode ser considerado o século das bandas e de seu repertório típico”. Estas, que executavam também repertório profano, significaram a ampliação e diversificação do repertório musical, levando-se em consideração o caráter popular e social de tais entidades (GALO, 1998, *apud* SILVA *et al.*, 2007, p. 05).

Segundo o pensamento de Neves (1984, p. 14), os músicos dessas entidades foram absorvidos pelo cinema, quando estes se instalaram na cidade. “[...] Estes músicos assumiram um novo papel no ramo dos espetáculos, formando conjunto de acompanhamento.” Dois grupos cinematógrafos importantes se apresentaram em São João del Rei, que foram o Lumière e Pathé Frères, no final do século XIX e início do século XX.

Por isso, torna-se notório o avanço das manifestações teatrais, como se pode contemplar nas palavras de Tibaji (2007, p. 13), São João del Rei foi um importante centro de atividades teatrais no Estado de Minas Gerais, durante o período colonial e hoje esta retomando suas funções com tamanho brilhantismo como nos tempos passados.

Tibaji (2007, p. 13), ainda expõe os dizeres de Regina Horta Duarte¹¹ que faz uma comparação entre a atividade teatral na corte do Rio de Janeiro com a

¹¹ Segundo o Currículo Lattes de Regina Horta Duarte, Duarte possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais.

atividade teatral desempenhada no interior de Minas, com destaque para as cidades de São João del Rei e Ouro Preto, como se pode notar a seguir:

[...] assim como os teatros de Ouro Preto e São João del Rei brilhavam aos olhos dos habitantes de outras cidades mineiras, a vida teatral da Corte aparecia como algo mágico para a população das outras províncias.

Neves (1984, p. 07), menciona que na Vila de São João del Rei, em 1778 já existia o primeiro teatro, chamado de Casa de Ópera, onde foram encenadas três óperas patrocinadas pelo Senado da Câmara. Nos anos subsequentes, foram construídos outros teatros na Vila como o Teatrinho Particular (1828), o Teatro Provisório (1832), o Teatro Sanjoanense (1837), o Teatro Municipal (1893), são alguns exemplos de como a vida social era bem movimentada neste período.

Além destes espaços cênicos, a cidade contou, desde o século XIX, com vários grupos teatrais amadores, como enumera Tibaji (2007, p. 14), Discípulo de Talma, Sociedade Dramática Particular, Sociedade Dramática Juvenil, Grupo Dramático Oeste de Minas entre outros.

Mas os tempos de glória chegaram ao término, como afirmam Guimarães e Viegas (2007, p. 23), devido à decadência da extração aurífera, consequentemente, houve uma grande diminuição das riquezas que eram utilizadas para o financiamento das contratações dos músicos. A situação ainda ficou mais alarmante, quando foi proclamada a República.

Neste momento, os músicos passam de profissionais a amadores, pois a música já não rendia o suficiente para que estes pudessem sustentar suas famílias, como podemos notar nos pensamentos de Nascimento (2008, p. 02), “[...] cadencialmente, o profissionalismo foi sendo substituído pelo amadorismo, processo que ocorreu em todo estado, já que, com a música, os músicos não conseguiam sanar as dificuldades financeiras de suas famílias”.

Porém, segundo Nascimento (2008, p. 02), os músicos que tinham além do gosto pela música, à tradição enraizada, não deixaram de comparecer aos compromissos já assumidos por suas corporações, buscando assim, conciliar suas atividades profissionais com as musicais.

Todavia, todos os integrantes das orquestras têm a suma consciência de suas capacidades e limitações técnicas. Nascimento (2008, p.03), afirma que “[...]”

mesmo amadores, a percepção da importância do que fazem os motiva, são depositários de uma herança que não pode ser esquecida”.

Estes pensamentos também podem ser contemplados com os dizeres de Neves (1984, p. 19), “[...] os músicos que se mantiveram fiéis à música da tradição local fizeram-no pelo gosto da prática musical e pelo desejo de fazer respeitar a tradição do passado”.

O fazer musical na região dos Campos das Vertentes, se tornou um patrimônio imaterial por sua forma peculiar de executar as obras, como podemos notar nos pensamentos de Guimarães e Viegas (2007, p. 23):

A tradição de execução do repertório da música colonial mineira também representa um patrimônio vivo, mantido até os dias de hoje unicamente pelos membros das orquestras. Aliada às características únicas da música setecentista mineira, esta maneira tão peculiar de se tocar esta música.

Desde então, as duas corporações bicentenárias, a Lira Sanjoanense e a Ribeiro Bastos, estão se dedicando integralmente à execução da música sacra, abrilhantando, respectivamente, às festividades religiosas como a Boa Morte e a Semana Santa.

Mas estas orquestras nunca conviveram tão harmonicamente como hoje em dia. No auge de suas atividades, estas duas corporações cultivaram uma grande rivalidade, que foi incentivada pelas próprias irmandades, como se pode observar nos dizeres de Castagna (2004, p. 04):

Com o aumento da competição entre as irmandades, que desejavam realizar as melhores festas e cerimônias religiosas para aumentar o número de associados (chamados “irmãos”), surgiu uma pressão sobre os compositores para se executar música nova, que distinguisse a irmandade contratante das demais.

Além disso, existiu outro fato importante que também apimentou competição entre as duas entidades, como relata Nascimento (2008, p. 03):

Algumas irmandades defendiam a segregação racial, todavia esse padrão não afetava os músicos - considerados servos. Curiosamente, é provável que as entidades se discernissem pela cor da pele de seus músicos; uma plausível explicação para a utilização dos clássicos apelidos “coalhada” para a Orquestra Ribeiro Bastos, e “rapadura” para a Orquestra Lira Sanjoanense.

Portanto, essa antiga rivalidade, hoje amistosa, segundo os dizeres de Nascimento (2008, p. 14), seja a principal motivação e mantenedora, além do prazer musical já demonstrado, dessa tradição musical em São João del-Rei.

Essa tradição musical de São João del Rei se viu ameaçada, segundo Nascimento (2008, p. 03), no ano de 1983, quando o Concílio Vaticano II fez a implantação de suas novas normas. Através dessas normas, “[...] a música perderia importância nas celebrações litúrgicas, cogitando-se até mesmo a sua extinção”.

Todavia, os representantes religiosos e as entidades musicais, recorreram junto ao Papa, alegando a tradição musical que se perpetuara ao longo de mais de dois séculos, aprendendo assim, a conciliar as novas normas e a música sacra colonial mineira.

Além disso, ainda se pôde alegar a consciência que os músicos têm para com a manutenção do fazer musical e da própria tradição, como é notório a edificação identitária dos integrantes para com suas corporações, como observa Silva et al (2007, p. 10) em seus pensamentos, quando faz relato sobre a Orquestra Ribeiro Bastos:

A Orquestra Ribeiro Bastos apresenta uma identidade grupal que perpassa e é perpassada pelas relações afetivas estabelecidas no grupo – músicos-maestrina, músicos-músicos e músicos-atividade musical – bem como pelas relações afetivas inter-grupais. Outro aspecto da identidade dessa corporação é a sua constituição histórica, marcada pelo seu prestígio diante da Sociedade São-joanense, sendo que pessoas da comunidade se interessam em acompanhar os ensaios da orquestra. É possível observar que os músicos tomam a corporação como referência para sua identidade individual, o que para Baró (1989) é fundamental na construção da identidade grupal. Nesta corporação os vínculos se estendem para além dela, havendo formação de subgrupos, de convivência cotidiana, compostos por músicos de diferentes naipes.

Portanto, a perpetuação da tradição musical sanjoanense, só se mantém viva até os dias atuais, porque estas entidades desempenharam e desempenham um papel social muito importante e por está respondendo a uma necessidade religiosa e cultural.

Neste capítulo, buscou-se conhecer o desenvolvimento histórico-musical de São João del Rei, o florescimento e papel desempenhado pelas importantes corporações musicais bicentenárias ainda em funcionamento. Assim, o próximo capítulo irá abordar o atual cenário musical sanjoanense e retratará uma proposição de um novo incremento para produto turístico desta localidade.

3 A TRADIÇÃO MUSICAL EM SÃO JOÃO DEL REI: ABORDAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PRODUTO TURÍSTICO LOCAL

No primeiro capítulo foi contextualizada a evolução do turismo e sua nova vertente, o pós-turismo. Já no capítulo seguinte, foi abordado o histórico do desenvolvimento musical de São João del Rei até meados do século XX, agora haverá uma contextualização do cenário musical contemporâneo da referida cidade.

É notório que nos séculos XVIII e XIX houve uma efervescência da atividade musical em São João del Rei, pois neste período foram criadas numerosas entidades que em sua maioria não conseguiram perpetuar-se.

Porém, deste momento pode-se destacar duas principais corporações, com atividades ininterruptas, que são: a Orquestra Lira Sanjoanense e a Orquestra Ribeiro Bastos, em São João del Rei e outras duas que são derivadas da mesma escola de São João del Rei, pois os músicos residentes aqui mantiam atividades na redondeza, o que resultou no treinamento de novos pupilos musicistas, os quais deram origem a Orquestra e Banda Ramalho de Tiradentes e a Orquestra Lira Ceciliana de Prados.

O termo escola é utilizado para exaltar, segundo os dizeres de Guimarães e Viegas (2007, p. 23), a forma de ensino musical naquele período, que foi através da tradição oral e a prática orientada pelos mais velhos.

Guimarães e Viegas (2007, p. 23), ainda ressaltam que muitos estudos sobre a música colonial foram e estão sendo feitos, para tentar identificar como pode ser executado o acervo Colonial Mineiro, através da revisão de partituras e ou até mesmo das poucas anotações encontradas. Guimarães e Viegas (2007, p. 23) concluem que, São João del Rei é mantenedora de uma tradição da *performance* da Música Colonial Mineira.

Segundo Nascimento (2008, p.03), outra importante entidade musical foi criada em 1930, a Sociedade de Concertos Sinfônicos, a partir da seleção dos melhores músicos das agremiações musicais supracitadas deste período na cidade de São João del Rei. Esta nova entidade executava músicas diferentes das que eram tocadas nas cerimônias religiosas; se especializaram em um repertório erudito profano.

Paralelamente, neste período também atuavam as bandas musicais, as quais eram mantenedoras de um repertório sacro e profano, que segundo os dizeres de Nascimento (2008, p. 03), eram conhecidas como a Banda Theodoro de Faria (1902), a Banda do 11º R. I. (atual 11º Batalhão de Infantaria de Montanha) e a Banda Municipal Santa Cecília.

Cabe aqui ressaltar a diferença entre orquestra e banda, a primeira, (WIKIPÉDIA, 2009), é composta por um agrupamento musical (cordas, madeiras, metais, percussão) utilizada para executar, em sua maioria, música sacra e/ou erudita. Estas orquestras ainda podem ser distintas quanto ao número de integrantes, recebendo o nome de câmara, sinfônica ou filarmônica. A orquestra sinfônica é mantida por uma instituição pública e já a filarmônica por uma instituição privada.

Já as bandas, (WIKIPÉDIA, 2009), em um primeiro momento eram de cunho militar, porém no Brasil elas também puderam ter o caráter civil. As bandas militares respondem as necessidades de suas instituições, entretanto as bandas civis correspondem às necessidades culturais da sociedade. As bandas em sua maioria são compostas por instrumentos de sopros e percussão.

Segundo Guimarães e Viegas (2007, p. 23), a partir dos anos de 1990 foram criadas novas bandas civis como a Banda de Música Meninos de Dom Bosco e a Banda Sinfônica de São João del Rei que pertence ao Conservatório Estadual Padre José Maria Xavier, o qual se tornou o principal meio de ensino musical da cidade. Além disso, a Banda Theodoro de Faria ainda mantém as aulas de música (percepção e ritmo) que são responsáveis pelo aperfeiçoamento de seus integrantes.

Além destas novas bandas, foram criadas recentemente duas orquestras, uma amadora como as demais, chamada Orquestra Pro - Arte Sinfônica, e a outra semi-profissional nomeada como Orquestra do Departamento de Música da Universidade Federal de São João del Rei.

Nascimento (2008, p. 10), relata na seguinte passagem a importância da criação do curso de música na universidade para a cidade e para a profissionalização dos músicos sanjoanense:

Atendendo a uma demanda, inicialmente, regional, o então reitor, Helvécio Luiz Reis, da Universidade Federal de São João del-Rei conseguiu que fosse implantado em 2006 o curso de Licenciatura

em Música. Esse curso aparece como uma oportunidade profissional para os músicos da região e do país, contando com professores mestres e doutores. Um fato importante que justificou a implantação do curso referido foi à existência das orquestras, bandas e conservatório evidenciando a musicalidade da cidade e muitos membros dessas entidades cursam agora ensino superior gratuito em música nesta instituição.

Consequentemente, pode-se destacar que o sanjoanense tem o dom do fazer musical que vem se perpetuando de geração em geração, o que faz esta tradição receber grande destaque no cenário musical brasileiro, pois esta característica interpretativa musical é peculiar ao cidadão sanjoanense.

3.1 A MÚSICA EM SÃO JOÃO DEL REI: AS PRINCIPAIS ORQUESTRAS LOCAIS

No desenrolar desta monografia, pode-se observar a perpetuação de duas orquestras bicentenárias, que são mantenedoras de um vasto repertório sacro; uma importante corporação que assiste a comunidade sanjoanense com músicas profanas, ou melhor, um repertório vasto que vai de músicas sacras e/ou eruditas locais ou até as imponentes melodias clássicas de compositores como, por exemplo, Bach, Mozart e Vivaldi.

No cenário musical sanjoanense tem-se a Orquestra Lira Sanjoanense, que nos dizeres de Viegas (1987, *apud* KRAUSS 2007, p. 32), “[...] é a orquestra mais antiga das Américas com atividades ininterruptas e farta documentação comprovando sua prática musical em conjunto”.

A Lira Sanjonense foi criada em 1776 e na data de sua fundação recebeu, segundo Viegas (1986, p. 03), o nome de “Companhia de Muzica” e era liderada pelo mestre de música José Joaquim de Miranda¹².

Pode-se observar que há na Orquestra Lira Sanjoanense (OLS) uma dinastia da família Miranda desde o seu fundamento até os dias atuais. Porém Viegas (1986, p. 03) destaca que a Companhia de Música (OLS) não era propriedade da família Miranda e sim como uma sociedade civil autônoma. Esta

¹² Segundo Viegas (1986, p. 09), Miranda era um mulato natural de Mariana, porém se transferiu para São João del Rei, onde constitui família e morreu. Foi fundador e o primeiro diretor da Lira Sanjoanense, além de atuar como mestre de música e compositor, também foi integrante e tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Prestou serviços, como mestre de música, para o Senado da Câmara. José Joaquim de Miranda era avô materno do Padre José Maria Xavier.

sociedade teve a construção de seu estatuto em 1846 por Francisco de Paula Miranda.

Para atender toda a demanda efervescente do período colonial, a Companhia de Música se dividia em partidos, que nos dizeres de Viegas (1986, p. 03), eram subgrupos que tinham como responsabilidade assumir contratos específicos com as irmandades religiosas. Os responsáveis, ou seja, principais diretores dos partidos, segundo Viegas (1986, p. 05) foram: João José das Chagas, Joaquim da Silva Vasconcelos, Marcelino Cláudio de Miranda, entre outros.

Em 1846, perante a descrição de Viegas (1986, p. 06), a Companhia de Música ganha de Francisco de Paula de Miranda um novo estatuto e o nome de “Philharmonica Paulina” em homenagem a família Paula Miranda. Porém, em 1882, teve o seu estatuto reformulado pelo mestre Carlos José Alves, que lhe nomeou de Sociedade Musical Lyra São Joannense, como é conhecida até os dias atuais.

Segundo Krauss (2007, p. 32), em 2007 a OLS era composta por um quarteto vocal: “15 sopranos, 10 contraltos, 09 tenores e 5 baixos; totalizando trinta e nove integrantes do coro”. Nas cordas: “08 primeiros violinos, 15 segundos violinos, 01 viola, 01 violoncelo e 02 contrabaixo”. Já na família das madeiras e dos metais são: “01 oboé, 03 clarinetes, 03 trompetes, 02 tropas, 04 trombones, 01 bombardino e 01 tímpano”; com a somatória de quarenta e seis integrantes da orquestra. O regente atual é o Senhor Benigno Parreira.

Segundo Viegas (1986, p. 22), a Orquestra Lira Sanjoanense desde a sua fundação, se especializou em um repertório sacro, como finalidade primordial. Em seu acervo pode-se destacar a obra integral de Padre José Maria Xavier¹³, além de outros compositores contemporâneos do mesmo.

A Orquestra Lira Sanjoanense executa as obras destes mestres musicais cumprindo antigos compromissos, que nos dizeres de Krauss (2007, p. 33), são as missas dominicais na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e na Igreja Nossa Senhora das Mercês. Nas quartas-feiras a orquestra poderá ser apreciada na

¹³ Viegas (1986, p. 23), descreve a trajetória de vida do sanjoanense Padre José Maria Xavier (1819 – 1887), que iniciou se aprendizado como músico aos sete anos. Trabalhou em um escritório de advocacia e lecionou música, quando se viu obrigado a sustentar a família, logo quando seu pai veio a falecer. Em 1845, ingressou no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte para ser formar padre. Exerceu importantes cargos como vigário da Vara, comissário das Ordens terceiras sanjoanense, entre outros. Paralelamente, compunham importantes peças que são executadas até os dias atuais pelas orquestras bicentenárias de São João del Rei, principalmente os ofícios da Semana Santa.

Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, na missa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Os principais contratos que a OLS mantém, são com as seguintes entidades religiosas: Venerável Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, Venerável Confraria de Nossa Senhora do Rosário, Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora das Mercês, Venerável Irmandade de São Miguel das Almas, Venerável e Episcopal Confraria de São Gonçalo Garcia.

A segunda entidade bicentenária de São João del Rei é a Orquestra Ribeiro Bastos (ORB), que tem a data de sua fundação incerta, como se pode observar nos escritos de Aquino (1996, p. 12), citando o estudioso Aluizio Viegas, que dedica a data de 1840 e o mestre Francisco José das Chagas como o mentor da corporação. Já o musicólogo José Maria Neves (1984, p. 11) cita o ano de 1790 para sua fundação e acredita que esta data se recue a 1755, com o Mestre Manoel Ignácio Custódio de Almeida, sendo que esta entidade era conhecida como “partido de música”.

Mas Neves (1984), ainda vai um pouco além, com a explicação que antigamente havia a cristalização de pequenos grupos iniciais, os quais deram origem às corporações hoje conhecidas. A pesquisa dos nomes dos mestres dos grupos se tornou o melhor critério para determinar a origem das entidades, como se pode observar no seguinte pensamento a origem da ORB:

Situando o Mestre Manoel Ignácio Custódio De Almeida como discípulo e sucessor do Mestre Antônio do Carmo, tende o Prof. João Baptista Viegas a identificar Antonio do Carmo como o criador da corporação que daria origem à Orquestra Ribeiro Bastos e que estaria em funcionamento desde 1724. (NEVES, 1984, p. 12)

A partir do entendimento dos pensamentos de Nascimento (2008, p. 09), até as últimas décadas do século XIX, o grupo musical era reconhecido pelo nome de seu mestre. Contudo, “[...] o nome da corporação decorreu de ‘Orquestra do Ribeiro Bastos’ para ‘Orquestra Ribeiro Bastos’ de forma natural”, pois o mestre Martiniano Ribeiro Bastos fora regente da entidade por 52 anos consecutivos.

Neves (1984, p. 11), afirma que a ORB vem se dedicando exclusivamente ao serviço musical religioso, dando destaque a enorme quantidade de peças sacras guardadas em seu arquivo.

Na década de 1980, segundo Neves (1984, p. 21), a Orquestra Ribeiro Bastos se uniu a Fundação de Arte (FUNARTE) e a Fundação Roberto Marinho em busca da preservação da prática musical na Região dos Campos das Vertentes, através da implantação do projeto “Música Sacra no Campo das Vertentes – um esforço de preservação”, que levou ao conhecimento de todo o povo brasileiro, a riqueza aqui perpetuada, com a catalogação de seus acervos e em especial as gravações de discos com as músicas do seu repertório habitual.

A música executada nas cerimônias religiosas pela orquestra no Período Quaresmal e da Semana Santa tem um grande reconhecimento pela população brasileira, pois é notório o aumento do fluxo de turista durante estes períodos na cidade.

Em 2007, perante os dizeres de Krauss (2007, p. 33), a ORB contava com um quarteto vocal com trinta e oito integrantes: “12 sopranos, 09 contraltos, 09 tenores, 08 baixos”. A orquestra é composta por: “08 primeiros violinos, 11 segundo violinos, 01 viola, 01 violoncelo, 02 contrabaixos, 04 flautas, 04 clarinetas, 02 trompetes, 02 bombardinos”. A regente atual é a Senhora Maria Stela Neves Vale.

A Orquestra Ribeiro Bastos poderá ser ouvida nas missas de quinta e sexta-feira, na Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, das respectivas irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nosso Senhor dos Passos. Já aos domingos, as missas são na Igreja de São Francisco de Assis, sob a responsabilidade da Ordem Terceira de São Francisco, além de seus ensaios aos sábados em sua sede localizada na Rua Santo Antônio.

A missa realizada aos domingos na Igreja de São Francisco de Assis tem grande reconhecimento turístico, pois turistas, sendo católicos ou não, buscam assistir à missa, e a orquestra que nelas executa obras bicentenárias, unindo a sonoridade e musicalidade barroca mineira com a ambiência da arquitetura atribuída ao mestre Aleijadinho.

A entidade mantém contratos longínquos com as seguintes associações religiosas: Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nosso Senhor dos Passos, a Ordem Terceira de São Francisco de Assis e a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo.

Já o que tange a música profana em São João del Rei, pouco foi encontrado até o presente momento sob a Sociedade de Concertos Sinfônicos,

carinhosamente conhecida apenas por “Sinfônica”, foi fundada em 26 de Janeiro de 1930, por um grupo de sonhadores organizados pelo maestro João Cavalcante.

Esta entidade musical é responsável em executar um repertório erudito diversificado em concertos, recitais, recitais-concertos, de acordo com a necessidade da sociedade sanjoanense.

Em 2006 foi criado o curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), para suprir uma demanda latente, já que a cidade é mantenedora de uma riquíssima tradição musical. Segundo a descrição da Comissão Permanente de Vestibular - COPEVE (2009), este curso vem para auxiliar na perpetuação desta tradição e profissionalização destes músicos, hoje amadores, que integram as bicentenárias orquestras sanjoanense.

O Curso de Música tem como objetivo principal, segundo o site oficial da Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ (COPEVE, 2009), formar profissionais competentes e versáteis para atuar como educador musical em escolas regulares e nas entidades musicais, ajudando a capacitar e aperfeiçoar os dons musicais de seus alunos/integrantes.

Desde a sua fundação, o Curso de Música da UFSJ fomentou criação da Orquestra do Departamento de Música. Esta orquestra visa à integração de seus alunos, a prática de conjunto, além de levar aos cidadãos sanjonenses e apreciadores de boa música, recitais e concertos de seus estudantes.

Além disso, o curso de música trouxe consigo alguns festivais regionais e internacionais, além das oficinas que o Inverno Cultural proporciona. Pode-se destacar o Festival Vertentes Musicais promovido pelo departamento de Música e os dois festivais internacionais de Flauta e Trombone.

O curso possui o “Programa Música XXI” (*apud* UFSJ, 2009), que é um projeto de extensão da UFSJ, que visa à fomentação, promoção e o apóio aos eventos artísticos da entidade e também eventos externos, nacionais e/ou internacionais que venham a acontecer na cidade e região. Outro importante projeto é o “Música nos corredores”, que visa à interação musical com os enfermos do Hospital Nossa Senhora das Mercês.

Contudo, é notória a preocupação em eternizar a arte do fazer musical em São João del Rei, através de ações conjuntas das orquestras supracitadas com a Universidade Federal de São João del Rei.

3.2 O NOVO PRODUTO TURÍSTICO LOCAL: A MÚSICA PARA O TURISMO

No decorrer deste trabalho, foi demonstrado o histórico de toda uma tradição cultural que a sociedade de São João del Rei vem perpetuando a mais de dois séculos. Agora irar-se trabalhar pela inserção desta tradição musical, como um atrativo potencial para o produto turístico sanjoanense.

Potencial porque só as atividades que essas entidades musicais efetuam não se caracterizam como um atrativo, necessitando de um projeto bem elaborado para que esta potencialidade se torne um diferencial dentre todos os atrativos existentes em São João del Rei.

Segundo Vaz (1999, p. 66), toda localidade necessita de alguma característica autêntica que se torne sua marca. Concordando com Lanza (*apud* VAZ 1999, p. 66), quando ela afirma que “[...] toda cidade, por menor que seja, tem algo diferente e importante a ser mostrado”. Por isso, elegeu-se a tradição musical e a sua forma peculiar de interpretação das músicas coloniais como um fator diferencial, por ser uma das principais marcas de autenticidade da cultura sanjoanense que possam motivar a qualificação do produto turístico local a partir da cultura musical.

Como uma primeira etapa para proposição real da inserção e sensibilização da comunidade local em prol da cultura musical propõem-se a formação de platéia, isto é, dotar de conhecimento os sanjoanenses, para que então possam apreciar o trabalho musical desenvolvido pelos próprios membros da comunidade através de apresentações musicais nas escolas municipais e estaduais, atribuindo um caráter não elitista à música e por conseguinte à cultura musical.

A ação atingirá crianças e jovens, para abranger a comunidade adulta, serão necessárias apresentações em cada bairro, já que a população sanjoanense possui uma característica bairrista muito forte e se possível levando um integrante da orquestra que more no bairro, para que este possa dar o seu depoimento.

Com isso, muitos destes cidadãos poderão se interessar em estudar música, tornando-se futuros integrantes destas entidades, os quais ajudarão na perpetuação da arte musical sanjoanense. Contudo, a valorização da cultura local, tornará um forte chamariz para a atividade turística, pois esta apreciação tem que ser de dentro para fora e não de fora para dentro.

A segunda etapa será a execução de “Concertos nos largos e praças de Del Rei”, que consistirá na apresentação das entidades musicais estudadas, em um final de semana por mês, sendo que os dias escolhidos serão eleitos após um estudo de demanda que indicará qual o período do mês que a cidade mais recebe turistas, ou até mesmo com aproximação de um final de semana prolongado, período de férias ou parcerias com eventos paralelos.

Este estudo de demanda se dará partir de uma parceria realizada com a Associação de Turismólogos de São João del Rei e com a UFSJ, que utilizarão os estagiários do curso de música, que serão capacitados pelos turismólogos da Associação, para aplicar os questionários de cunho quantitativo.

Estes questionários serão divididos em duas partes, a primeira aos proprietários de meios de hospedagem que tem o controle do fluxo de turistas, a partir da análise das Fichas Nacionais de Registro de Hóspedes. Um segundo questionário, agora de cunho qualitativo, será aplicado diretamente aos turistas que estiverem participando dos eventos para descobrir o seu perfil socioeconômico, sua cidade e estado de origem, e como ficaram conhecendo a cidade e sua tradição musical.

O projeto contará com um site oficial que será construído a partir de uma parceria com os estudantes do Sistema de Informação do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves (IPTAN) e a Associação de Turismólogos, além de contar com a divulgação nos sites oficiais da cidade e das pousadas de São João Del Rei e região.

Este site oficial do projeto contará como foi o desenvolvimento desta tradição musical desde o período colonial até os dias atuais, além de descrever a história das orquestras e divulgar as datas de suas apresentações.

O projeto buscará patrocínio com empresas privadas e leis de incentivo para dar apoio às entidades envolvidas, para que estas possam investir na preservação de seus acervos e instrumentos musicais. Além de uma parceria com o poder público para conseguir a compra e a manutenção dos equipamentos que serão utilizados nas apresentações como, por exemplo, a estrutura acústica itinerante.

É de suma importância a estrutura itinerante, para assim propiciar aos moradores dos bairros mais afastados um contato com as apresentações que serão

executadas da mesma forma que as realizadas para os turistas. Essa ação auxiliará na formação de platéia e, na quebra do preconceito existente junto aos cidadãos que residem nas periferias de São João del Rei com relação à música colonial mineira, além de enriquecer a cultura local.

Caso estas entidades públicas e privadas não apóiem/financiem este projeto, não será possível a sua execução. Além disso, se não houver uma boa receptividade da comunidade com o projeto, futuramente, esta tradição certamente se perderá.

Apesar de todas as dificuldades a serem enfrentadas, principalmente a falta de patrocínio, alguns movimentos poderão ser feitos por amor a esta tradição musical. A perpetuação da tradição musical poderá vir através da música nas escolas primária e fundamental, que enriquecerá de conhecimento cultural, além de fazer com que estes pequenos cidadãos sanjoanense aprendem a valorizar a cultura musical local.

Este capítulo buscou apresentar a situação atual do cenário musical, além de descrever o histórico e as atuações das principais orquestras de São João del Rei. Para finalizar foi proposto, um projeto de inserção da música na comunidade local e a execução de um pequeno evento para que os turistas, que aqui visitam, possam também apreciar a música colonial mineira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa monografia foi possível observar que a tradição musical de São João del Rei é um bem precioso, cultivado ao longo dos séculos por importantes entidades musicais, sendo que esta tradição pode se tornar um diferencial para o produto turístico de São João del Rei.

No primeiro capítulo, foi descrito o desenvolvimento histórico da cidade, paralelo ao fomento das primitivas corporações e solidificação das entidades, hoje conhecidas por Orquestra Ribeiro Bastos e Orquestra Lira Sanjoanense.

Pode-se observar que as irmandades religiosas e o antigo Senado da Câmara desempenharam um papel fundamental na consolidação dos grupos musicais, pois, os primeiros, foram os contratantes dos serviços dos mestres de música. Além disso, também foram responsáveis pela grande variedade de peças guardadas nos acervos das entidades, pois para cada cerimônia, profana ou sagrada, eram compostas músicas próprias e inéditas.

No capítulo segundo, foi ressaltada a evolução da atividade turística, com um recorte de tempo no período de 1900 até os dias atuais, além de trazer a nova concepção do Turismo, ou seja, o pós-turismo.

Observou-se também que as grandes Guerras Mundiais marcaram o desenvolvimento da atividade turística. A partir da Segunda Guerra Mundial, o Turismo se desenvolveu rapidamente, pois a tecnologia criada para o combate foi adaptada para o uso civil.

Através dos estudos desenvolvidos, ficou claro que o histórico da atividade turística, além dos momentos marcados pelas guerras, ainda pode ser dividido em etapas, ou seja, o pré-turismo, o turismo industrial e o pós-turismo.

No entanto, o estudo aprofundou-se na nova linha de pensamento turístico. O Pós-Turismo traz a desregulamentação dos conceitos existentes e uma supervalorização da experiência de consumo.

No capítulo seguinte, foi retratado o cenário musical sanjoanense atual, tendo como foco as Orquestras Lira Sanjoanense, Ribeiro Bastos, Sociedade de Concertos Sinfônicos e a Orquestra do Departamento de Música da Universidade de São João del Rei e as ações desenvolvidas por essas na sociedade sanjoanense;

ficou evidente também que a cultura local é rica e tem um vasto ambiente de atuação.

Vale ressaltar que, infelizmente, não são todos que conseguem visualizar este precioso patrimônio imaterial que a cidade de São João del Rei é detentora. Esta passagem tem sua firmação no episódio ocorrido na preparação da tradicional Semana Santa no corrente ano, no qual, o governo municipal não se empenhou em auxiliar e patrocinar o evento que tem um grande reconhecimento religioso e turístico, por ser o único local no mundo onde as celebrações litúrgicas e paralitúrgicas são realizadas em latim; Para sanar o problema, foi necessário o patrocínio de empresas estatais e privadas.

Enquanto a gestão municipal não entender que celebrações como esta tem um grande valor para a economia e o produto turístico local, muitos erros acontecerão, já que a política pública governante valoriza apenas as “festas do povo”, como o carnaval.

A atividade turística está tomando uma proporção, que somente os produtos turísticos existentes não estão suprimindo mais as perspectivas dos clientes, que estão cada vez mais exigentes.

Por isso, buscou-se entender a grandeza do potencial atrativo da tradição musical, para que esta seja um diferencial na escolha de São João del Rei como destinação turística mineira ao passo que esta se localiza em uma região na qual outras cidades possuem características semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Vicente. *Gestão em lazer e turismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ARRUDA, José Jobson de A., Piletti, Nelson. *Toda a História – História Geral e História do Brasil*. São Paulo: Ática, 2000.

AQUINO, Marta Aparecida de. *História social da música em São João del-Rei no último quartel do século XIX*. São João del-Rei: UFSJ, 1996. 39 p. Monografia. Especialização Lato Sensu.

_____; NEVES, Maria Alciene. Breve panorama da sociedade sãojoanense sob o ângulo das relações musicais. *Ictus – Periódico do PPGMUS/UFBA*, Vol. 8, nº 2, p. 167-176, 2007. Disponível em: <<http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/article/view/126>>, acesso em 19/09/09.

BALANZÁ, Isabel Milio; NADAL, Mônica Cabo. *Marketing e comercialização de produtos turísticos*. São Paulo: Thomson, 2000.

BARRETO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas/SP: Papirus, 1995.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 6 ed. Atual. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

BELTRÃO, Otto di. *Turismo: a indústria do século XXI*. Osasco: Novo Século, 2001.

CAMPOS, Antônio. A música barroca em Minas Gerais: as orquestras bicentenárias. Disponível em: <<http://www.movimento.com/especial/minas/8.asp>>, com acesso em: 29/10/09.

CARDOSO, Poliana Fabíula. Considerações preliminares sobre produto turístico étnico. In: *Pasos revista de turismo y patrimônio cultural*. Vol. 4 nº 2 p 143-152. 2006. Disponível em <<http://www.pasosonline.org/Publicados/4206/PASOS08.pdf#page=19>>, com acesso em 23/10/09.

CASTAGNA, Paulo. *A música religiosa mineira no século XVIII e primeira metade do século XIX*. In: Apostila do curso *História da Música Brasileira*, do Instituto de Artes da UNESP x, 2004.

_____. Sagrado e profano na música mineira e paulista da primeira metade do século XVIII. II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, Curitiba, 21-25 jan. 1998. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1999. p. 97-125. Disponível em: <<http://people.ufpr.br/~budasz/CD08.pdf>>, acesso em: 04/10/09.

COPEVE. *Cursos oferecidos: Licenciatura em Música*. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/busca/contac/cursos_oferecidos.php>, com acesso em 02/11/09.

DANTAS, Ana Lúcia de Faria Lucena. Referencial teórico. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta99/dantas/cap1.htm>>, acesso em: 16/07/09.

DIAS, Reinaldo. *Turismo Sustentável e meio ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

DUARTE, Regina Horta. *Currículo do Sistema de Currículos Lattes*. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787372P2>>, acesso em: 29/11/09.

GUIMARÃES, Antônio Carlos; VIEGAS, Salomé. A tradição musical em São João del-Rei. In *Suplemento: São João del-Rei Capital Brasileira da Cultura*. Belo Horizonte, Dezembro de 2007. Edição Especial: 21 - 23. (Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais).

GUIMARÃES, Fábio Nelson, Fundação histórica de São João del Rei. In Dangelo, André G. D. e BDMG Cultural, *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006.

GUIMARÃES, Geraldo. *São João del Rei: século XVIII – história sumária*. São João del Rei. Edição do autor, 1996.

IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do turismo*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Thomson, 2003.

KRAUSS, Mário Ferreira. Mais de dois séculos de vida musical em São João del-Rei: As orquestras Lira Sanjoanense e Ribeiro Bastos. In *Suplemento: São João del-Rei Capital Brasileira da Cultura*. Belo Horizonte: Dezembro de 2007. Edição Especial: 32 - 33. (Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais).

MIDDLETON, Victor T. C. *Marketing de turismo: teoria e prática*. Trad. Fabíola Vasconcelos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

MOLINA, Sérgio. *O pós-turismo*. Trad. Sperling, Roberto. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

NASCIMENTO, Simonne Ellem Fonseca. *A tradição musical de São João del Rei e as orquestras bicentenárias*. São João del Rei: UFSJ, 2008.

NEVES, José Maria. *A Orquestra Ribeiro Bastos e a vida musical em São João del-Rei*. Rio de Janeiro: O Globo, 1984.

REJOWSKI, Mirian, et al. Desenvolvimento do turismo. In REJOWSKI, Mirian. *Turismo no percurso do tempo*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

_____; SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In REJOWSKI, Mirian. *Turismo no percurso do tempo*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e Planejamento Sustentável - A proteção do meio ambiente*. São Paulo: Papirus, 1997.

SANTOS, Olinto Rodrigues do. Um breve histórico da Orquestra e Banda Ramalho. Disponível em: <<http://www.orquestraebandaramalho.com.br/historia.htm>>, acesso em: 29/10/09.

SILVA, Marcos Vieira; *et al.* Articulações identitárias nas corporações musicais de São João del Rei e região. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_242.pdf>, acesso em: 23/10/09.

SOBRINHO, Antônio Gaio. *História da educação em São João del-Rei*. São João del Rei. FUNREI, 2000.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Os nomes da cidade no Brasil colonial. Considerações a partir da capitania do Rio Grande do Norte. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, ano 02, número 03, 2003. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/163/131>>, acesso em: 14/10/09.

TIBAJI, Alberto. São João del-Rei e o teatro. In *Suplemento: São João del-Rei Capital Brasileira da Cultura*. Belo Horizonte: Dezembro de 2007. Edição Especial: 13 - 15. (Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e qualidade: Tendências contemporâneas*. 5 ed. Campinas: Papirus, 1993.

_____. *A sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo*. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

UFSJ. Programa Música XXI. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/musicaxxi>>, acesso em: 02/11/09.

VAZ, Gil Nuno. *Marketing turístico: receptivo e emissor: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privado*. Ver. Janice Yunes Perim. São Paulo: Pioneira, 1999.

VIEGAS, Aluísio José. *A Lira Sanjoanense e a música na região de São João del-Rei*. Apostila sobre a palestra apresentada no XVIII Festival de Inverno da UFSJ. São João del Rei:1986.

WIKIPEDIA (2009). Banda militar. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_militar>, acesso em 02/11/09.

_____. Diogo de Vasconcellos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Diogo_de_Vasconcelos>, acesso em: 29/11/09.

_____. José de Matol. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Matol>, acesso em: 29/11/09.

_____. Orquestra. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra>>, acesso em: 02/11/09.

YASOSHIMA, José Roberto; OLIVEIRA, Nadja da Silva. Antecedentes das viagens e do turismo. In REJOWSKI, Mirian. *Turismo no percurso do tempo*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2002.